

## PÈRE-VERSION: A FUNÇÃO PATERNA NA ERA DO OUTRO ALGORÍTMICO

Julio Cesar Lemes de Castro

Doutor em Comunicação e Semiótica, pesquisador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP  
jccastro@osite.com.br

### RESUMO

Este trabalho apresenta sumariamente as transformações da ordem simbólica, considerando os laços sociais hegemônicos em diferentes períodos. A partir de tal contextualização, a *père-version*, enquanto relativização do Nome-do-Pai, ajuda a entender a forma que tende a assumir o exercício da função paterna na era do Outro algorítmico: uma customização flexível da lei baseada na negociação permanente entre pais e filhos.

### PALAVRAS-CHAVE

ordem simbólica; laços sociais; função paterna; *père-version*; Outro algorítmico.

### ABSTRACT

*This work presents briefly the transformations of the symbolic order, considering the hegemonic social links in different periods. Against this background, the père-version, as the relativization of the Name-of-the-Father, helps to understand the form which the exercise of the paternal function tends to assume in the era of the algorithmic Other: a flexible customization of the law based on permanent negotiation between parents and children.*

### KEYWORDS

symbolic order; social links; paternal function; *père-version*; algorithmic Other.

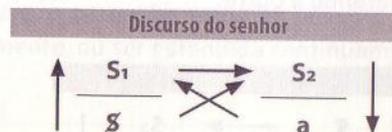
## PÈRE-VERSION: A FUNÇÃO PATERNA NA ERA DO OUTRO ALGORÍTMICO

Julio Cesar Lemes de Castro

Como procurei demonstrar em outro trabalho<sup>1</sup>, o jogo de palavras *père-version*, proposto por Lacan, indica uma relativização do Nome-do-Pai em quatro diferentes aspectos: abstração, universalidade, normatividade e efetividade. Iniciada por ocasião da primeira proposta de pluralização do Nome-do-Pai em seu ensino, essa relativização pode ser completada quando, no âmbito da topologia dos nós, o simbólico perde preeminência em relação aos outros registros.

SIMBÓLICO	LAÇO SOCIAL HEGEMÔNICO	FORMA DO OUTRO	ESTATUTO DO OUTRO	PAPÉIS DO PAI
tradicional	discurso do senhor	representado	o Outro existe	diz "não" ou "sim"
moderno	discurso da universidade	virtual	o Outro tem furo	diz "não" e "sim"
contemporâneo	discurso do capitalismo	algorítmico	o Outro não existe	diz "depende"

Neste trabalho, a ideia é contextualizar a *père-version* em termos de laços sociais. Para isso, recorro a uma visão sistemática das transformações da ordem simbólica, resumida no esquema acima, que busca retratá-las *grasso modo*.

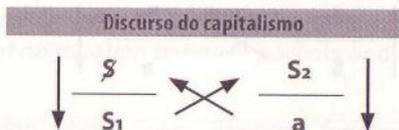


<sup>1</sup> CASTRO J. C. L. *Père-version: a relativização do Nome-do-Pai*, VI Jornada de Apresentação de Monografias da CLIPP, São Paulo, 9 de maio de 2015, disponível em: [http://clipp.org.br/arquivos/monografia\\_julio.pdf](http://clipp.org.br/arquivos/monografia_julio.pdf)

Na estrutura tradicional de funcionamento do simbólico, captada pelo discurso do senhor, o Outro é representado por figuras de autoridade - o significante-mestre ( $S_1$ ), na posição de agente, que dá sentido à bateria de significantes ( $S_2$ ), no lugar do outro do discurso. Essas figuras (o pai, o rei, Deus) atuam como avatares do Outro, cuja existência, como ficção necessária à manutenção da sociedade, não é alvo de questionamento. A consistência do Outro está evidenciada na função paterna, partilhada entre os papéis bem delimitados de interdição e modelo - o pai que diz "não" e o pai que diz "sim" -, desempenhados por pessoas distintas no interior da família estendida.



Na modernidade, a autoridade é exercida a partir de posições, não de figuras. No discurso da universidade, que passa a sintetizar a lógica de funcionamento do simbólico,  $S_1$  determina  $S_2$  a partir do lugar da verdade, operando como uma fonte virtual de poder, velada pela barra. A dissociação entre as posições vazias da autoridade e as figuras aptas a preenchê-las revela o furo no Outro (não há Outro do Outro), que continua tendo eficácia, mas não sem tensões. É o caso da família nuclear, na qual os dois papéis paternos são desempenhados pela mesma pessoa: o pai que diz "não" coincide com o pai que diz "sim", uma coisa de alguma forma comprometendo a outra.



Na contemporaneidade, assistimos a uma nova mutação do simbólico, com a emergência do Outro algorítmico. "Lacan falava da ordem simbólica; hoje se pode falar da ordem digital"<sup>2</sup>, pondera Miller. Além de remeter à prevalência do numérico, do digital (dois termos, aliás, que se confundem em francês), o algoritmo tem o sentido de conjunto de passos para executar alguma tarefa. No discurso do capitalismo, que diz respeito ao capitalismo tardio, o sujeito, no lugar de agente, determina de certa forma os significante-mestres, contáveis e customizados, via algoritmos, para cada sujeito. Há uma pluralização dos significantes-mestres ( $S_1$  como *essaim*, enxame), dos Nomes-do-Pai, das versões do pai (*père-versions*). Essa multiplicidade mina o caráter absoluto do Outro, de modo que este desaparece enquanto tal - o Outro algorítmico de nossa época é, na verdade, o Outro que não existe. Na configuração simbólica atual, a lei, enunciada de um lugar exterior, transcendente, cede espaço à norma, que tem algo de imanente, variando de acordo com o sujeito e as circunstâncias. "Como já não há discurso do Outro", argumenta Miller, "em seu lugar estamos obrigados a conversar, discutir, avaliar, deliberar, bater papo."<sup>3</sup>

Não é difícil constatar isso ao observarmos o exercício da função paterna, hoje. Verifica-se cada vez mais uma espécie de democratização das relações familiares, uma tendência à negociação permanente entre pais e filhos, que engendra certos protocolos de comportamento. Por exemplo, pode-se estabelecer um arranjo pelo qual uma hora fazendo a lição confere à criança o direito a uma hora brincando com seus *gadgets*. Uma vez erigida em princípio, a barganha torna-se passível de ser renegociada continuamente, ou ser estendida continuamente a outras áreas.

<sup>2</sup> MILLER J.-A., in Moulérou-Boutang, Y.; Surlé, O. "Le calcul du meilleur: alerte au tsunami numérique - entretien avec G. Chatenay, É. Laurent et J.-A. Miller". In: *Multi-tudes*, n. 21, 2005.

<sup>3</sup> MILLER J.-A., en colaboración con É. Laurent, *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires, Barcelona y Ciudad de México, Paidós, 2005, p. 39.

Aí residem a convergência e a divergência entre a *perversion* e a *père-version*: na primeira a lei customizada é fixada escrupulosamente em seus mínimos detalhes, sempre reencenados, enquanto na segunda se trata de um arranjo flexível. O pai que diz “não” e “sim” é substituído agora pelo pai que diz “depende”. Em alguma medida, a autoridade é transferida do enunciador da lei para as normas em si, aparentemente neutras; são elas, doravante, os parâmetros aos quais o pai e a criança se referem, como as partes equivalentes de um contrato. A proliferação de normas, que povoam e colonizam o domínio da lei, ao mesmo tempo reflete a inconsistência do Outro e serve como semblante para camuflá-la. E, em termos de psicologia de massas, a multiplicidade das versões do pai liga-se à fragmentação das identificações e dos laços<sup>4</sup>.

## PAI IMAGINÁRIO, SIMBÓLICO E REAL

<sup>4</sup> CASTRO J. C. L. "Das massas às redes: comunicação e mobilização política". In: Jesus E. et al. (orgs.), *Reinvenção comunicacional da política: modos de habitar e desabitatar o século XXI*. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 149-166.